

Edgard Leuenroth, um idealista e seu arquivo

Léa Vinocur Freitag*

Edgard Leuenroth foi, para a geração universitária de início dos anos 60, um paradigma de idealismo, integridade e coerência. Para quem estudava no Roosevelt ou na Maria Antônia, em Ciências Sociais, ele era apenas o "avô da Yara", nossa colega.

Tomando-se o bondinho Santo Amaro, chegava-se à casa da Yara para estudar em grupo – o singelo uniforme de saia azul e blusa branca neutralizava as eventuais diferenças sociais e simbolizava o ideal de escola pública e democrática.

Essa geração, poupada do consumismo, do rock e das novelas, numa década anterior à estruturação da indústria cultural, cultivava a curiosidade intelectual e o humanitarismo juvenis, receptiva aos ensinamentos do "seu" Edgard, que a todos acolhia pacientemente, fazendo vislumbrar a perspectiva de um mundo mais justo, inspirado na crença de que o homem se governa a si mesmo!

O olhar radioso de Leuenroth, emoldurando o rosto magro, deixava entrever esperança e fé. O tipo claro revelava a ascendência alemã do pai, que era médico e morreu na sua infância. Ele costumava rememorar como havia chegado à convicção anarquista, observando a máquina do poder, que arrecadava riquezas, oprimindo a imensa maioria de deserdados.

Já no início dos anos 60 os jovens tinham acesso ao sítio de Guararema, adquirido por Leuenroth em 1922, junto a um núcleo anarquista constituído por imigrantes italianos e espanhóis, que adotavam na produção agrícola o sistema comunitário. Ao mesmo tempo em que visitavam o sítio, os jovens eram fascinados pelo famoso arquivo sobre o movimento operário, organizado por Leuenroth a partir de 1897, que pertence à UNICAMP, (Universidade de Campinas), desde 1974.

Toda a família de Leuenroth participava de sua vida sacrificada, particularmente o filho Germinal, nascido em 1911, que acompanhou de perto todas as lutas, ajudou na formação do arquivo e ainda hoje reconstitui informações preciosas. Era costume dos anarquistas dar aos filhos nomes com algum signifi-

* *Jornalista, doutora em Ciências Sociais e professora titular da ECA (pós-graduação).*

cado ou homenagem: *Germinal* (deriva de "germe", parte da semente de que se forma a planta; terceiro mês da Revolução Francesa), Justo, Ideal, Amor, Liberto, Oceano, Libex, Luz, Espártaco, Voltaire.

Germinal Leuenroth lembra-se de que a biblioteca do pai estava sempre circulando entre os amigos. Somente por volta de 1930, quando os livros passaram a ser utilizados por *Germinal*, Edgard Leuenroth se dispôs a organizá-la. Formava também as bibliotecas dos sindicatos de que participava.

A presença carinhosa de D. Aurora fazia parte das reuniões na casa da Yara, quando o grupo ia estudar. A esposa de Leuenroth, portuguesa de muita fibra, é mencionada pelo filho Nilo, em documento expressivo: "Felizmente para ele, sua companheira, embora pequeninha, era de uma coragem exemplar. Seu companheiro era forçado a 'confinamentos' pela polícia e, conseqüentemente, a vida da família era sempre difícil. Às vezes éramos obrigados a viver de favor com parentes, mas também pessoas estranhas nos ajudavam, como aquele padeiro português que, todos os dias, deixava uma broa..."

O jornal *Dealbar* dedicou diversos artigos a Edgard Leuenroth, por ocasião de sua morte em 1968, aos 87 anos. Entre eles, reproduziu uma crônica escrita pela neta aos 16 anos, *Arquivo do Vovô*. A matéria, assinada por Yara Leuenroth Soubiê, hoje professora de Antropologia, ofereceu a versão de quem morou junto com o Arquivo:

"Vocês nunca tiveram um avô que possuísse um arquivo? Pois sim! Se o tivessem, saberiam o que isto representa!! Pois bem, o meu velhinho goza de um grande arquivo de jornais e livros de todo o mundo, desde que o mundo é mundo. E onde foi guardada esta preciosidade? No porão do velho e austero casarão habitado por nós. Mas, desde que me conheço por gente e que se falou em mudança, e não se mudou. Motivo? o Arquivo!"

Realmente, toda uma geração cultuou o mito Leuenroth, sempre associado à grandiosidade do arquivo. Por essa razão, seu livro sobre jornais e jornalistas continua suscitando polêmica. A obra *A Organização dos Jornalistas Brasileiros* (1908 - 1951), COM-ARTE, foi inicialmente um texto apresentado ao Quarto Congresso Nacional de Jornalistas, realizado em Recife, em 1951, preservado cuidadosamente por Luiz Beltrão, que o encaminhou posteriormente a José Marques de Melo, responsável pela publicação (1987).

Na introdução da obra, Freitas Nobre traça um perfil detalhado do autor: "Leuenroth é, ao mesmo tempo, historiador e personagem da própria história. Ele se confunde com essa história sindical, operária, política e, muito particularmente, com a história dos jornalistas profissionais."

Um dos dados interessantes da documentação de Leuenroth refere-se à preocupação, já em 1933, com a preparação cultural e profissional dos jornalistas: "O Congresso, considerando que a profissão de jornalista, em todas as partes do mundo, se reveste de grande nobreza, principalmente pela função cultural que ela implica, sendo, por isso, indispensável ao jornalista em geral a posse da maior soma de conhecimentos possível, a fim de poder cumprir a sua missão de esclarecedor e orientador da opinião pública, resolveu que a API, (Associação Paulista de Imprensa), sugira, apoie e promova iniciativas com o objetivo de serem organizados cursos e escolas jornalísticas."

Numa época de debates sobre a formação do jornalista, em que universidades, empresas e profissionais trocam experiências, se evidencia a visão de Edgard Leuenroth, profetizando tempos futuros.